

GIUCCI, Guilherme. *Viajantes do maravilhoso: o Novo Mundo*. Trad. Josely Vianna Baptista. São Paulo, Companhia das Letras, 1992, 262p.

*Sheila Maria Doula\**

O ponto central do livro de Giucci é a análise do imaginário dos navegantes e conquistadores europeus que, financiados pela Coroa de Castela e movidos pela ambição de riqueza rápida, aventuraram-se pelo Atlântico entre o final do século XV e começo do XVI.

Para melhor entender o que movia os conquistadores – e descobridores – desse período, o Autor retoma a herança recebida da Antiguidade, particularmente a visão que se tinha em relação ao Atlântico, esse mar "tenebroso" e misterioso que estava além dos limites do mundo conhecido. Três navegantes são tomados como paradigma por terem ultrapassado as Colunas de Hércules e se lançado no Atlântico: Ulisses, de Homero, que ao se deparar com habitantes de algumas ilhas estabelece a dicotomia entre o mundo civilizado e a barbárie; São Brandão, que no século V descobre numa ilha o paraíso prometido; e, finalmente, o Ulisses de Dante, que inaugura as viagens em nome do conhecimento – e da Ciência – mas é castigado com o naufrágio por sua curiosidade.

Ainda compondo essa herança, Giucci destaca que o imaginário em relação ao distante e desconhecido foi também alimentado pelas narrativas de viagens ao Oriente feitas por Heródoto, Plínio, Santo Isidoro e Marco Polo, nas quais os elementos que compõem o "maravilhoso" são sempre enaltecidos: natureza pródiga e exuberante, ócio e promessa de muita riqueza.

É impulsionado pelo binômio remoto/maravilhas – cuja imagem principal é a da opulência das terras distantes – que o navegador europeu "descobre" o continente americano, dando início ao que Giucci chama de "conquista do maravilhoso".

Esse processo de conquista é já desde o seu início, marcado por conflitos e tensões, na medida em que os primeiros navegadores logo perce-

---

\* Doutoranda em Antropologia Social – FFLCH/USP.

bem a "discordância entre o esperado e o encontrado" (p.113). O Autor afirma que o meio ambiente americano, notadamente hostil ao conquistador europeu, é responsável por um eclipsamento gradual do maravilhoso e que o discurso das "maravilhas" é soterrado pela realidade num prazo de apenas 65 anos.

As primeiras rachaduras na máscara do maravilhoso relacionado à América aparecem já com as experiências pessoais de Cristóvão Colombo, derrotado no Novo Mundo pelas dificuldades lingüísticas. Sem dominar a palavra e fazer dela um instrumento de poder sobre os nativos, Colombo não chega até às riquezas ocultas e nem evangeliza os pagãos, como havia prometido aos reis de Castela e ao próprio Papa. Sua permanência na América é, por isso, extremamente angustiada e nas entrelinhas de sua correspondência, ele já evidencia que a realidade sobrepuja temas frontalmente contrários ao maravilhoso que o havia motivado: o domínio do Novo Mundo exige trabalho, benfeitorias, colonização, enfim, demora, esforço e suor.

A erosão do maravilhoso se acelera com a odisséia atribulada do espanhol Alvar Nuñez Cabeza de Vaca, iniciada com seu naufrágio na Flórida em 1527. Após nove anos de cativo, Cabeza de Vaca e mais três sobreviventes conseguem fugir e, percorridos 18.000 quilômetros, eles atingem o México, de onde retornam à Espanha. O período de cativo revelou a esse "conquistador conquistado" – como o descreve Giucci – que a natureza inóspita, a fome e a total dependência e submissão às informações e orientações de índios cativos, são realidades que contradizem o ideal da conquista. Para Cabeza de Vaca o ambiente hostil, responsável pelo estado de barbárie, iguala os homens e provoca até mesmo uma metamorfose no conquistador europeu, que no Novo Mundo se degenera, regride à bestialidade e se inicia inclusive na prática antropofágica, fato que ele presenciou entre os próprios espanhóis.

O esvaziamento total do discurso maravilhoso se dá através das experiências do alemão Hans Staden em terras brasileiras. Staden é já um conquistador que trabalha no continente americano – é artilheiro de um forte português -, embora sua segunda viagem, em 1549, tenha sido motivada por um objetivo "maravilhoso": conhecer o Rio da Prata e buscar suas riquezas. Na narrativa de suas experiências – o naufrágio, o trabalho, a captura e prisão pelos Tupinambá – Staden revela o medo, a desorientação, a hesitação e o "desengano pragmático de uma época" (p.220). Embora tenha aprendido a manipular o sagrado de seus captivos e conseguido através disso adiar seu sacrifício e sua morte, Staden só é libertado quando se torna uma mercadoria e é comprado pelos franceses.

Pode parecer que Giucci tenha muita simpatia por esses conquistadores, fazendo deles uma espécie de navegadores "da triste figura". O Autor,

entretanto, não perde de vista todo o processo violento e sanguinário de colonização que se desenrolou nas Américas; ele apenas ressalta que Colombo, Cabeza de Vaca e Staden, por serem os primeiros, sofreram mais acentuadamente o choque da alteridade e da desilusão e, ao invés das riquezas e maravilhas que os impulsionaram, eles só conseguiram amearhar e viver de suas amargas experiências pessoais.